

Fim do expediente.
Por Juliana Fernandes Gontijo.

Jorge era um típico estudante de classe média dos anos de 1970. Queria de todo jeito fazer engenharia civil. Os pais, Juvêncio e Maria, tinham uma pequena sapataria numa cidade do interior do estado. Como o filho não via progresso no estabelecimento, resolveu partir para a capital. Chamou os pais para uma conversa:

— Vou morar com o Tomás, filho da dona Joana e o Pedro, filho do Tião.

— Pelo amor de Deus, não mata a sua mãe de desgosto, hein? Você vai estudar mesmo, né? As coisas aqui estão bem difíceis. E na capital, nem se fala!

— Mãe, a senhora não confia em mim não? Vou estudar, fazer vestibular pra virar doutor, mãe. Não é isso que a senhora quer? Bem, quero é ser engenheiro!

Com 18 anos, partiu para a capital à procura de emprego. Recebeu de Maria apenas um travesseiro e uma colcha, apostando que o filho voltaria na semana seguinte. Jorge levou suas duas malas de roupas e os pertences pessoais.

Os pais sabiam que não seria fácil. O filho não “dava o braço a torcer” e sempre que a mãe ligava para a casa da proprietária e perguntava, o filho dizia que estava tudo bem. Levou quase um ano para conseguir um emprego de carteira assinada. Vendeu pipoca na frente do cinema da cidade, panfletou para uma farmácia no centro, fez bico de porteiro em supermercado. Às vezes, deixava de almoçar, pois precisava pagar a passagem do ônibus lotado para o cursinho à noite. O combinado era os pais pagarem o pré-vestibular até o filho conseguir um emprego, e assim, a faculdade seria por conta dele.

Quase um ano depois, conseguiu um emprego de datilógrafo, numa empresa da construção civil. Prestou o primeiro vestibular. Achou que era só estudar alguns meses que passaria nas provas. Ledo engano. Foram 6 anos seguidos estudando com afinco. Ficou quatro vezes na fila de espera, como o quinto excedente. Parecia até que o momento não fosse para ele, porém, não desistia.

A mãe sempre ligava e perguntava para a proprietária do imóvel se realmente o “menino” estudava. A resposta de Damiana era a mesma:

— Jorge é muito aplicado, Maria. Os outros dois não são tão dedicados, mas ele é.

Com receio de que o filho pudesse seguir as más companhias não só da república como do trabalho, a mãe fez até promessa para ele voltar para a casa. Em vão!

No sétimo ano de estudo, o rapaz caiu na farra. Parou de estudar como nos anos anteriores. Decidiu que se dedicaria apenas um final de semana por mês aos estudos, além de continuar frequentando com assiduidade as aulas. Certa vez, Maria tentou chegar à casa dele e o encontrou na porta de um boteco na esquina da rua. Passava das 3 da tarde. Ela pegou o filho pelas orelhas e o levou para a casa. O bafo da cerveja “corria solto”. Ele estava pra “lá de Marrakech.”, porém era a primeira vez que ficava tonto:

— Seu pai vai ficar sabendo da bebedeira de hoje, Jorge da Fonseca de Oliveira. E estes anos todos que estamos pagando o seu pré-vestibular?

— Não paga mais, mãe. Cansei de estudar e não dá em nada. Eu nunca passo na Faculdade.

— E o que me diz desse “bafo de onça”?

— Vai adiantar eu me justificar? A senhora não vai acreditar.

— Não me responda, rapaz! No mês que vem não tem mais dinheiro para a escola. E ainda são três meses de estudo. Agora você vai se virar! Assim que eu chegar em casa, seu pai vai te ligar.

— Eu pago o resto mãe. Estou economizando dinheiro.

Era uma mentira atrás da outra. O dinheiro mal pagava o aluguel e as despesas domésticas, sem a mensalidade do cursinho, o jeito era estudar em casa.

— Você vai entrar de férias em janeiro, né? No início do mês?

— Vou, mãe.

— Então vai voltar lá pra casa, pra ficar na roça com seu pai!

— Sabe que é bom? Pelo menos, eu vou descansar do escritório.

— Não me responda, Jorge. E vai tomar um banho para tirar esse fedor de cerveja! — A mãe empurrou o filho para o banheiro.

Nos três meses seguintes, ele estudou apenas um final de semana antes das provas, só para dar uma revisada no conteúdo.

No sábado e domingo de prova, tomou uma lata de cerveja antes de ir para o exame. Era visível o descaso com o vestibular. Estava decidido que, caso não passasse naquele ano, iria fazer algum concurso para funcionário público e largar a profissão de engenheiro.

Fez as provas do primeiro dia, não olhou gabarito. Os amigos o chamaram para ir ao bar no sábado, ele partiu para a gandaia mesmo com a prova no dia seguinte pela manhã. No domingo, acordou com uma ressaca de tanto beber Cuba-libre e cerveja. Tomou um banho e comeu apenas um pedaço de pão. Saiu logo para fazer as provas. Fim de prova e boteco! Não conferiu o resultado. Estava decidido pelo concurso público no meio do próximo ano.

O mês de dezembro seguiu o rumo. Chegaram Natal e Réveillon. Decidiu que era a última vez que beberia. O vício estava tomando conta da sua cabeça e afetando o bolso. Não poderia gastar mais dinheiro com a bebida. E se passasse no vestibular? Mas ele estava disperso, como poderia passar? Em uma rápida olhada no resultado, percebeu que acertou apenas 3 questões das 20 de biologia: “Mais um ano perdido!”

Chegou o ano de 1979. No dia 2 de janeiro, já pegou as férias. Para não criar encrenca com a mãe, partiu para a roça a fim de ajudar o pai na lida da pequena plantação de milho. Juvêncio já estava cansado da sapataria e por lá quase não aparecia mais.

O rapaz ficou com o pai na roça até o dia 25 de janeiro. Nem se importava com o resultado do vestibular porque a nota da prova de biologia dava como certa a eliminação.

À tarde, após o almoço, Maria foi até o sítio da família. Ela estava desesperada:

— Filho, pelo amor de Deus, volta para a capital. O Lazinho da Dinha falou que escutou seu nome no rádio enquanto dirigia. É a última chamada da engenharia. Arruma as suas coisas e vai logo.

— Não pode ser! Fiz só 3 pontos em biologia.

— Jorge da Fonseca de Oliveira, junta as suas coisas que vou arrumar um motorista para te levar na faculdade. O Lazinho ligou lá na sapataria e falou que no rádio eles disseram: “última chamada”! Se não for hoje, você perde a vaga. Seu primo vai mentir para quê?

Maria já estava quase chorando. O pai deu um beijo emocionado no filho:

— Vai logo, menino!

O rapaz ficou atônito. Nem teve tempo de trocar a calça e as botas sujas de esterco.

Afonso, um motorista da vizinhança, iria levá-lo a capital:

— Quando puder, a senhora me paga, dona Maria.

Em pouco mais de 5 horas, o expediente acabava na Faculdade. Era tudo ou nada! Como os colegas de casa estavam trabalhando, ele ainda precisava separar os documentos na capital. Não tinha ajuda. Era “só ele” e, quem sabe Afonso.

Durante a viagem, um grave acidente provocou um engarrafamento na estrada, perdeu mais de meia hora. Ao chegar em casa, a chave quebrou na fechadura. Ele e o motorista precisaram arrombar a porta com vários chutes. O expediente terminava às 19 horas. Já eram quase 18. Tudo ia dando errado, mas rapaz não perdia as esperanças. Se ele havia passado no vestibular, a vaga seria dele de qualquer maneira: “Vai ter que dar!”

A faculdade estava localizada do outro lado da cidade. Horário de pico, novo engarrafamento. Afonso fazia o que podia, mas o tempo corria:

— Desculpa, filho, mas é o que eu posso fazer. Por que não pegou uma roupa limpa? Ao menos um sapato?

Jorge não se lembrou de nada além dos documentos.

Chegaram à faculdade. O porteiro estava fechando a última grade.

— Ei, moço! Eu preciso entrar! Tenho que fazer a matrícula para engenharia civil. Gritou o filho de Maria.

— Olha, rapaz, o expediente está acabando. A secretária já vai sair. Não tem jeito não. E esta roupa toda suja? Não é assim que se apresenta em uma Universidade, meu caro!

— Deixa eu entrar, é caso de vida ou morte. A roupa suja de esterco de cavalo não me importa. Eu preciso fazer a matrícula, tenho o dinheiro e os documentos. O que vale uma roupa suja? — Perguntou rispidamente o filho de Juvêncio.

O homem liberou o portão contrariado.

“Como não pensei nisso antes? Poderia ter pedido ao menos as roupas do Afonso e trocado dentro do carro. Agora é tarde.”

Ao chegar à secretaria, a funcionária da Universidade já estava apagando as luzes. Ela não gostou nada de alguém ali naquele momento:

— Fim do expediente! Só amanhã.

— Não moça, por favor! Eu estava a quase 200 quilômetros daqui, fiz só três pontos na prova de Biologia, nem estudei direito este ano, já é meu o sétimo vestibular.

— Então você é Jorge da Fonseca de Oliveira?

— Sim!

— Estamos te procurando há uma semana, rapaz! Publicamos seu nome no jornal da cidade, sem resposta. Anunciamos em três emissoras de rádio diferentes. Onde você estava?

Meio sem jeito e, muito menos argumento, ele respondeu:

— Eu estava na roça com meu pai, na lida da plantação, tirando férias do trabalho. Eu não imaginava que eu tivesse passado no vestibular.

A mulher acendeu as luzes, abriu o arquivo, retirou uma papelada:

— Você é devoto de algum santo? Se não, agradeça logo a Deus. Estou de bom humor hoje. Veja aqui os documentos do próximo candidato. Os formulários já estão sobre a minha mesa. Por um minuto, você perderia a sua vaga.

— Obrigado, moça. Desculpe mesmo. Eu nem tive tempo de trocar de roupa. O porteiro falou mal disso!

— Não seja por isso! Acredite em você! Da próxima vez pode ser que não tenha alguém de bom humor à sua espera. Vamos, preencha os documentos e deixe o dinheiro da matrícula! Amanhã você volta aqui para terminarmos os procedimentos!

Jorge da Fonseca de Oliveira, aluno destaque da Faculdade, terminou o curso de Engenharia Civil em dezembro de 1983.
